

Congresso Internacional - Job: justiça e sofrimento

Projeto do CLLC-UA “Mitografias: Temas e Variações”,
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

NOME(S) DO(S) AUTOR(ES): **LUÍSA MARIA ALMENDRA**

INSTITUIÇÃO: **UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: **O sofrimento de Job na perspectiva de uma sabedoria da criação. As tentativas da exegese recente.**

Sumário: No contexto da relevância do tema da justiça e do sofrimento no livro de Job, aos quais a literatura, a pintura e a música associaram tantos outros mais, a minha apresentação ousa estabelecer um diálogo com alguns contributos da exegese atual, onde estes temas cedem a sua centralidade e são recolocados num novo horizonte. A omnipresença literária da criação (o céu e a terra; os seres humanos e os seres divinos; os animais e o cosmos...) domina, numa visibilidade imperceptível, o desenrolar do drama e é numa conexão premente com ela, que acontece aquilo a que a exegese atual designa ‘eco conversão’ de Job. Os ritmos cadenciados da harmonia e do caos, a consequente convulsão e apelo desaguam num Deus que redireciona um Job, inteiramente centrado num debate sobre a justiça divina e o seu sofrimento, para o horizonte da criação. Job é desafiado a explorar a sabedoria inata nos domínios do universo e a fazer uma viagem através do cosmos. Ali onde os amigos de Job repetidamente procuram confirmar as suas crenças preconcebidas sobre o sistema de uma justiça retributiva de Deus, Job é impelido a desenvolver uma ‘consciência cósmica’ da natureza vasta e misteriosa da criação da qual ele é parte integrante. E é de um modo singular, neste contexto de desígnio cósmico, que Job tem a possibilidade de redimensionar uma visão retributiva do mundo e a sua busca antropocêntrica da justiça. Nesta omnipresença literária da criação que percorre o livro, a leitura apela para as representações do mundo criado e dá ênfase a Deus como criador e aos seres humanos como destinatários de tudo o que o mundo criado oferece, permitindo-lhes compreender e interagir com o mundo complexo que os rodeia e encontrar uma voz da terra e das suas criaturas que se pode perder noutras leituras.

Summary: My presentation dares to establish a dialogue with some contributions of current exegesis, in which the traditional themes as the one of justice and suffering give up their centrality and are repositioned on a new horizon. The literary omnipresence of creation (heaven and earth; human beings and divine beings; animals and the cosmos...), dominates in an imperceptible visibility, the unfolding of the drama and it is, in a pressing connection with it, that what current exegesis calls Job's "eco-conversion" takes place. The cadenced rhythms of harmony and chaos, the consequent convulsion and appeal flow into a God who redirects a Job, entirely focused on a debate about divine justice and his suffering, towards the horizon of creation. Job is challenged to explore the innate wisdom in the realms of the universe and to take a journey through the cosmos. Where Job's

friends repeatedly seek to confirm their preconceived beliefs about God's system of retributive justice, Job is driven to develop a 'cosmic awareness' of the vast and mysterious nature of creation of which he is an integral part. And it is in a unique way, in this context of cosmic design, that Job has the possibility to resize a retributive worldview and his anthropocentric search for justice. In this literary omnipresence of creation that runs through the book, the reading appeals to the representations of the created world and emphasizes God as creator and human beings as recipients of all that the created world offers, allowing them to understand and interact with the complex world around them and to find a voice of the earth and its creatures that might be lost in other readings.

O sofrimento de Job na perspectiva de uma sabedoria da criação. As tentativas da exegese recente.

Tal como o título deste Congresso Internacional o equaciona, o Livro de Job permanece sempre no imaginário de todos nós como um livro sobre justiça e sofrimento, não obstante os estudos mais recentes terem aberto portas novas de leitura e interpretação que ousam sublinhar a dimensão da esperança de Job¹ e a profunda interação do seu drama com a criação².

De facto, quando colocamos a pergunta: de que trata o Livro de Job? A resposta padrão é: trata-se de um livro que aborda a temática dos justos que sofrem. Porém, se este é verdadeiramente o tema principal do livro, ele é algo para o qual o livro não encontra uma resposta. Ao narrar-nos o que aconteceu no céu entre Satanás e Deus, o autor avisa-nos que o sofrimento de Job resulta de uma disputa entre os dois sobre a gratuidade da fé de Job. Job sitiado numa perspectiva terrena da vida – o único lugar da recompensa e do castigo – passa a maior parte do livro à procura de algo que explique o seu sofrimento. Rejeita todas as razões apresentadas pelos seus amigos, de que o seu sofrimento resulta de um pecado ou constitui uma forma de disciplina divina. Não há uma única razão para seu sofrimento e tudo o que Job encontra – final do livro (42,6-12) – é a hipótese de uma aceitação de sua condição humana.

Embora a questão do sofrimento possa ser considerada o elemento, sempre latente, em torno do qual o livro se constrói, ele é sobretudo um pretexto, uma porta de entrada para um conjunto mais vasto de questões com as quais a literatura e a sabedoria bíblica se confronta; questões para as quais nem sempre há respostas imediatas e acabadas.

¹ Mies, F.

² Dell, K. "Creation in the whirlwind speeches and Job's responses: 38,1-42-6". In R.S. Fyall, Now my Eyes have seen you. Images of Creation and Evil in the Book of Job, [Leicester]: Apollos, [2002].

No drama de Job, que é um drama humano, os sábios de Israel alargam a reflexão ao limite máximo, examinando tudo de um modo intenso e exaustivo: a natureza da humanidade, a natureza de Deus e a natureza do universo.

No caso de Job, o problema implícito é de como compreender a condição humana, na qual o sofrimento é parte decisiva. O autor bíblico coloca na boca de Job a palavra hebraica *'amal*, "fadiga, dificuldade", para significar o cansaço do mundo e o facto da vida humana ser, muitas vezes, vivida como um fardo. Porém, enquanto no livro de Qohelet este *'amal* provoca uma investigação do propósito da vida, perguntando o que existe na vida humana que seja de valor duradouro, no livro de Job debate-se a natureza de Deus e a sua justiça, levando Job a reconhecer que aprenderá mais sobre si mesmo ao aprender mais sobre Deus. Talvez por isso, cada vez mais a exegese bíblica redescobre o livro de Job como uma investigação sobre a condição humana e o que significa ser um ser humano.

Todos lembramos que inicialmente Job resiste à ideia de que o sofrimento faça parte de sua humanidade (Jb 3). Aceitar o sofrimento é admitir uma imperfeição na sua condição humana; e Job não é apenas perfeito, é um ser humano reto que teme a Deus (Jb 1,1). Por isso, nestes seus atributos e no que diz respeito à vida e ao sofrimento, Job está num nível mais avançado do que os seus amigos, que assumem que uma vida livre de sofrimento é possível, pelo menos teoricamente, se a pessoa não pecar. Porém, Job sabe, por experiência própria, que não ter pecado não significa necessariamente estar livre de sofrimento e luta contra a dedução de que a impecabilidade e o sofrimento possam não ser mutuamente exclusivos.

Carol Newsom, refere que "A paixão humana pela ordem moral, é uma paixão que deseja negar o trágico existente."³ Esta tensão entre um universo moral e a tragédia do sofrimento humano constituem o cerne do livro. É algo que o livro nunca resolve, apenas o sublinha, concluindo que o sofrimento é uma parte natural da criação. Algo que fica bem expresso no prólogo (2:10): "Se aceitamos de Deus o bem porque não havemos de aceitar o mal?" O Job do prólogo parece ter uma consciência clara disto, não o Job dos diálogos, que parece precisar, em absoluto, de sondar esta realidade em profundidade.

Como todos os escritos de sabedoria, o livro de Job é uma procura de sabedoria; uma compreensão da relação entre fé e vida, da relação entre Deus e o ser humano. Esta procura é desenhada de uma forma enigmática no poema sobre a sabedoria (Jb 28): "Mas a sabedoria onde a podemos encontrar?". Ali, o ser humano emerge com capacidades imensas de investigar e penetrar nos lugares mais recônditos do

³ Newsom, The Book of Job, 253.

cosmos, porém só Deus conhece o lugar onde habita a sabedoria. A sabedoria pertence a Deus; ela é o princípio pelo qual ele criou o universo (cf. Pr 8,22–31).

Na verdade, na sua procura de Deus e de conhecimento, Job parece requerer um nível de sabedoria muito além daquele que a tradição tem para a oferecer. Algo que os seres humanos não podem adquirir por conta própria, porque está no domínio de Deus e que só Deus pode revelar (28,23 “E disse ao homem: Eis que no temor do Senhor está a sabedoria, e no afastar-se do mal a inteligência”). Qualquer sabedoria que os humanos possam adquirir é sempre um dom que lhe é dado pelo temor e pela relação que estabelecem com o próprio Deus. Na verdade, os sábios de Israel, ao contrário dos sábios modernos pós-iluministas, não criaram uma barreira impenetrável entre religião e ciência. Pelo contrário, eles viam a religião como o caminho que conduzia ao conhecimento. Michael Fox parece, portanto, correto quando afirma que o livro de Job torna a “fé a principal virtude”.⁴ Job não é um cético ou um rebelde. Job é um sábio, pelo menos no sentido tradicional, embora os seus amigos nem sempre pensem assim e o próprio Job possa ter sérias dúvidas. O problema principal é que a sabedoria tradicional de Job e dos amigos é incapaz de explicar o seu sofrimento. De facto, com Job e posteriormente com Qohelet, a sabedoria humana atinge os seus limites.

No final do livro (42,6), Job tem um vislumbre, num contexto de uma reflexão sapiencial sobre o modo como Deus criou e governa o mundo.⁵ Esta reflexão é revelada a Job num longo encontro teofânico com Deus, que fala com ele do meio da tempestade (Jb 38–41). Vários exegetas descreveram este encontro com Deus como algo que é indescritível, que excede a imaginação; algo da esfera do sublime. Tod Linafelt e Carol Newsom, que aludem a esta ideia do sublime, parecem corretos ao dizer que a razão está envolvida, embora seja um tipo ou nível diferente de razão. C. Newsom refere-se às “dimensões estéticas da compreensão”, uma frase que claramente abre espaço para a cognição, bem como para a emoção.⁶ T. Linafelt observa que o sublime “é o sentimento evocado por aquilo que excede a imaginação. É literalmente inapresentável, ou seja, não pode ser compreendido pela imaginação e, portanto, não pode ser apresentado de forma que permita a compreensão. O objeto do sublime só pode ser apreendido, não compreendido.”⁷ Este autor fala de “um segundo movimento do pensamento, no qual a razão triunfa em sua capacidade de conceber aquilo que a imaginação é incapaz de representar.”⁸

⁴ Fox, “Job the Pious,” 351.

⁵ Mayer Gruber também fala da sabedoria humana e divina, mas então equipara a sabedoria humana com a sabedoria dos não-israelitas, em oposição à sabedoria de Israel. Não existe esta oposição neste livro. A sabedoria dos amigos não-israelitas de Job é semelhante à sabedoria de Provérbios. De facto, não há personagens israelitas no livro (com exceção de Deus e Elihu). [cf. Gruber, “Human and Divine Wisdom,” 88–102].

⁶ Newsom, *The Book of Job*, 236.

⁷ Linafelt, “The Wizard of Uz,” 101.

⁸ *Ibid.*, 103.

Os discursos de Deus (Jb 38-42) apresentam uma sequência de imagens do cosmos onde o caos e a criação se encontram; o lugar misterioso longe da habitação humana onde a escuridão se transforma em alvorada, onde a neve e o granizo são armazenados, onde os animais selvagens vivem suas vidas sem a ajuda do homem. Nesse lugar estão, os habitantes do espaço sideral (as constelações), o Behemot e o Leviatã. O propósito destas imagens não é estimular a imaginação ou entreter; nem assustar Job ou levá-lo à submissão, como alguns defendem. É para elevar Job a um novo nível de realidade; elevá-lo a uma visão do universo, onde todas as coisas, até o sofrimento e a morte, têm seu lugar e Deus não precisa explicar o porquê.

Do ponto de vista humano, esta criação não é um lugar perfeito, pois inclui elementos de caos que, embora sob o controle de Deus, continuam presentes no universo. Porém, por mais que as imagens dos discursos de Deus possam parecer intimidantes, também são reconfortantes, pois elas asseguram-nos, a nós e a Job, que o mundo foi realmente criado por meio de uma sabedoria divina. Esta sabedoria permite que Job (42,6) aceite sua humanidade juntamente com seu sofrimento. Esta aceitação não é resignação, mas uma celebração da existência, fruto da experiência do sublime.⁹ O desejo de morte de Job, que pesa tanto na primeira parte do livro (Jb 3), desaparece. Job percebeu algo ainda mais precioso do que uma explicação para seu sofrimento. Ele experimentou por um breve momento algo da sabedoria divina; um tipo de sabedoria que supera a sabedoria humana e isso o mudou para sempre.

É interessante que em Gn 3, na narrativa do Éden, a etiologia bíblica da mortalidade humana, compare a perda da imortalidade com a obtenção da sabedoria, isto é o conhecimento do bem e do mal (“Eis que o homem, quanto ao conhecimento do bem e do mal, se tornou como um de nós. Agora é preciso que ele não estenda a mão para se apoderar também do fruto da árvore da Vida e, comendo dele, viva para sempre” Gn 3:22). A sabedoria torna-se ambas uma bênção e uma maldição; torna os seres humanos semelhantes a Deus, mas também os torna mortais. Foi, certamente, isto o que Job aprendeu em seu encontro com Deus.

É neste contexto que devemos entender as últimas palavras de Jó (42:5-6): “Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza.”¹⁰ No v. 5, a ação de ouvir alude ao ensino tradicional, contado de uma geração para outra, e é acompanhada pela do ver, o encontro de Job com Deus.¹² Os dois modos de conhecimento que são colocados em oposição durante o livro, com os amigos a defender o ouvir da tradição— a sabedoria dos séculos — e Job a apelar a um ver —

⁹ Cf. Newsom, *The Book of Job*, 256.

¹⁰ A tradução deste v. 5 foi recentemente debatido por Daniel Timmer, “God’s Speeches, Job’s Responses,” 298–300, que traduz: “Portanto, eu rejeito e arrependo-me da minha fragilidade humana”.

que inclui a teofania divina.¹¹ No final do livro, este ouvir e ver unem-se e Job alcança uma compreensão unificada de Deus.

Concordamos que o v. 6 seja bastante enigmático, prestando-se a numerosas interpretações. Por isso, é preferível interpretá-lo no contexto da aceitação de Job e da sua condição humana. Ao atingir uma compreensão mais completa da sabedoria divina, Job arrepende-se de ter pronunciado palavras que estabeleceram uma oposição entre o divino e o humano, encenando como que uma disputa entre ele e Deus. Neste final, Job rejeita essa oposição e alinha-se com Deus em vez de se colocar contra ele. Não quer mais levar Deus ao tribunal, nem deseja morrer para escapar de Deus. Aceita, e consola-se em ser pó e cinza, isto é, em ser um ser humano mortal, o que significa estar sujeito ao sofrimento.¹²

Se Job era sábio no início da história, ele é ainda mais sábio no final, especialmente no que se refere à compreensão do agir Deus. A sua sabedoria supera em muito a de seus amigos, que “não falaram corretamente” de Deus como Job (42:7). Job agora sabe um pouco mais sobre o que significa ser humano. Não obstante, a preocupação de Deus de que a sabedoria torne os humanos semelhantes a Deus, a sabedoria humana nunca alcançará o nível da sabedoria de Deus. Ela poderá apenas aproximar-se da sabedoria divina pelo temor do Senhor. A impressão que o livro possa deixar de uma não resposta à procura humana sobre a justiça e o sofrimento, é superada pelo conhecimento que adquirimos durante o percurso narrativo, porque se o ensino tradicional diz que o temor do Senhor leva à sabedoria, o livro de Jó mostra que a sabedoria leva ao temor do Senhor.

A omnipresença literária da criação (o céu e a terra; os seres humanos e os seres divinos; os animais e o cosmos...) domina, numa visibilidade imperceptível, o desenrolar do drama e é numa conexão premente com ela, que acontece aquilo a que a exegese atual designa ‘eco conversão’ de Job. Os ritmos cadenciados da harmonia e do caos, a conseqüente convulsão e apelo desaguam num Deus que redireciona um Job, inteiramente centrado num debate sobre a justiça divina e o seu sofrimento, para o horizonte da criação. Job é desafiado a explorar a sabedoria inata nos domínios do universo e a fazer uma viagem através do cosmos. Ali onde os amigos de Job repetidamente procuram confirmar as suas crenças preconcebidas sobre o sistema de uma justiça retributiva de Deus, Job é impelido a desenvolver uma ‘consciência cósmica’ da natureza vasta e misteriosa da criação da qual ele é parte integrante. E é de um modo singular, neste contexto de desígnio cósmico, que Job tem a possibilidade de redimensionar uma visão retributiva do mundo e a sua busca antropocêntrica da justiça. Nesta omnipresença literária da criação que percorre o livro, a leitura apela para as representações do mundo criado e dá ênfase a Deus como

¹¹ Habel, *The Book of Job*, 68, escreve que: “The message of Job...is bound up with the interplay of tradition and experience.” Edward Greenstein prefere desenvolver a oposição entre a tradição e a experiência “On My Skin and in My Flesh,” 333–62.

¹² עֶפֶר וְאַבָּרָה. Sobre o significado de “mortal,” como oposto a Deus, cf. Gen 18:27; Job 30:19; Ps 103:14. O facto de os seres humanos serem pó evoca Gn 2,7, a história do Jardim do Éden.

criador e aos seres humanos como destinatários de tudo o que o mundo criado oferece, permitindo-lhes compreender e interagir com o mundo complexo que os rodeia e encontrar uma voz da terra e das suas criaturas que se pode perder noutras leituras.

Bibliografia:

CLINES, DAVID J. A. Job 1–20. Word Biblical Commentary 17. Waco, Tex.: Word Books, 1989.

CLINES, DAVID J. A. Job 21–37. Word Biblical Commentary 18. Dallas, Tex.: Word Books, 2006.

COOPER, ALAN. “The Sense of the Book of Job.” *Prooftexts* 17 (1997): 227–44.

FOX, MICHAEL V. “Job the Pious.” *ZAW* 117.3 (2005): 351–66.

GELLER, STEPHEN A. “Nature’s Answer: The Meaning of the Book of Job in Its Intellectual Context.” In *Judaism and Ecology, Created World and Revealed Word*, edited by HAVA TIROSH-SAMUELSON, 109–32. Cambridge, Mass: Center for the Study of World Religions, Harvard Divinity School, 2002.

GOOD, EDWIN M. In *Turns of Tempest: A Reading of Job, with a Translation*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1990.

GREENSTEIN, EDWARD L. “On My Skin and in My Flesh’: Personal Experience as a Source of Knowledge in the Book of Job.” In *Bringing the Hidden to Light: The Process of Interpretation. Studies in Honor of Stephen A. Geller*, edited by K. F. Kravitz and D. M. Sharon, 63–77. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2007.

GREENSTEIN, EDWARD L. “The Problem of Evil in the Book of Job.” In *Mishneh Todah. Studies in Deuteronomy and Its Cultural Environment in Honor of JEFFREY H. TIGAY*, edited by NILI SACHER FOX, DAVID A. GLATT-GILAD, AND MICHAEL J. WILLIAMS, 333–62. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2009.

GRUBER, MAYER. “Human and Divine Wisdom in the Book of Job.” In *Boundaries of the Ancient Near Eastern World: A Tribute to CYRUS H. GORDON*, edited by MEIR LUBETSKI, CLAIRE GOTTLIEB, AND SHARON KELLER, 88–102. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.

GRUBER, MAYER. “The Book of Job as Anthropodicy.” *Biblische Notizen* 136 (2008): 59–71.

HABEL, NORMAN. *The Book of Job. A Commentary. OTL*. Philadelphia: Westminster, 1985.

HABEL, NORMAN. “Wisdom in the Book of Job.” In *Sitting with Job. Selected Studies on the Book of Job*, edited by Roy B. Zuck, 303–315. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1992.

LINAFELT, TOD. “The Wizard of Uz: Job, Dorothy, and the Limits of the Sublime.” *Biblical Interpretation* 14.1–2 (2006): 94–109.

NEWSOM, CAROL A. *The Book of Job: A Contest of Moral Imaginations*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2003.

NEWSOM, CAROL A. “The Book of Job.” In *The New Interpreter’s Bible, Vol. IV*, 317–637. Nashville, Tenn.: Abingdon, 1996.

POPE, MARVIN. *Job. Introduction, Translation, and Notes. Anchor Bible*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1973.

TIMMER, DANIEL, "God's Speeches, Job's Responses, and the Problem of Coherence in the Book of Job: Sapiential Pedagogy Revisited." *CBQ* 71/2 (2009): 286–305.

TSEVAT, MATITIAHU. "The Meaning of the Book of Job." In *Sitting with Job. Selected Studies on the Book of Job*, edited by ROY B. ZUCK, 189–218. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1992.